

Entre a vila e a rua: modos de habitar e conflitos urbanos na Lapa carioca¹.

Ramon de Abreu Guimarães Silva — UFF (Brasil)

Resumo: Este trabalho analisa as formas de habitar e de se relacionar com a Rua Joaquim Silva, na Lapa (Rio de Janeiro), a partir de uma etnografia situada em uma vila residencial. Entre a efervescente Lapa, reduto da boêmia carioca, e a porta da casa, a pesquisa adota uma perspectiva microanalítica e acompanha interações cotidianas e trajetórias de moradores, buscando compreender como diferentes experiências produzem leituras contrastantes do mesmo espaço urbano. A investigação mobilizou o uso da observação participante e a reflexividade como recursos metodológicos, permitindo articular escalas locais e processos urbanos mais amplos sem perder de vista a agência dos sujeitos. Sustentando também, que o espaço urbano se constitui como uma malha de relações, práticas e performances sociais em constante negociação, revelando a rua não como mero espaço de passagem, mas como lugar vivido, disputado e continuamente reinterpretado, recuperando uma dimensão pouco abordada sobre a Lapa, pouco lembrada enquanto espaço de moradia, mas hiperativada enquanto espaço de consumo, turismo e lazer.

Palavras-chave: Habitar, Antropologia Urbana, conflito, Lapa, Rio de Janeiro.

Considerações iniciais

A antropologia, ao longo de seu desenvolvimento no Brasil, foi marcada pela busca de um objeto que pudesse ser posto sob as lentes da análise, voltando-se, de modo particular, para a diversidade da própria sociedade. Nesse movimento, tornou-se

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026)

possível estranhar o familiar e tornar inteligíveis dinâmicas, estruturas e composições sociais que, embora próximas, nem sempre se mostram evidentes em sua complexidade (VELHO, 1978).

É nesse horizonte que, o trabalho compreende a realidade social como um tecido vivo e modular, atravessado por processos contínuos de mudança e ajuste, responsáveis por seu dinamismo e por constantes reinterpretações culturais. Tais processos se dão no fluxo das interações cotidianas entre indivíduos situados em campos sociais específicos, nos quais disputas, negociações e formas de pertencimento se atualizam.

No coração da Lapa, bairro do centro do Rio de Janeiro, localiza-se a Rua Joaquim Silva, via que recebe diariamente milhares de pessoas em razão de sua ligação com o terceiro ponto turístico mais visitado da cidade, a Escadaria Selarón, bem como pelo imaginário que a consagra como berço e reduto da boemia carioca.

Este trabalho é fruto da pesquisa de campo realizada entre 2021 e 2024. A partir de 2022, a pesquisa passou a se desenvolver por meio da observação participante, momento em que me tornei morador de uma das casas de uma vila localizada na Rua Joaquim Silva. Foram realizadas entrevistas não diretivas com outros moradores, além do uso de documentos digitais, da observação direta e da observação flutuante.

A pesquisa privilegia uma abordagem que parte do interior da vila onde moro para, ao ultrapassar os limites de seus portões, acessar a rua e, posteriormente, o próprio bairro, compondo uma perspectiva mais ampla da cidade enquanto uma malha de relações em contínua formação. Tal movimento aproxima-se da proposta de Bensa (1998), ao compreender a microanálise como um procedimento crítico capaz de articular escalas a partir das situações e interações concretas. Nesse sentido, dialogo também com Tim Ingold (2015), ao compreender o espaço urbano não como um conjunto de pontos fixos ou recortes estáveis, mas como um emaranhado de percursos, práticas e relações que se constituem no movimento, na experiência e no habitar cotidiano.

Em meio ao calor de estímulos constantes e excessivos, entre o comércio, o tráfego, a atuação de agentes policiais e o turismo, seus múltiplos residentes, enquanto sujeitos locais resistentes, encontram-se inseridos em um espaço marcado por negociações e disputas pelo uso e pela ocupação do território. Nesse sentido, procuro, a

partir de uma perspectiva residencial, dialogar com as percepções e formas de apropriação do espaço urbano, no qual esses sujeitos fazem da rua o palco da vida cotidiana.

1. Memória e representação da vida cotidiana

Parto da reconstrução da memória da vila onde hoje moro a partir de Marta e Francesco², casal ítalo-brasileiro que se mudou recentemente para Maricá, município localizado na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. O motivo da saída evidencia relações desgastadas, dadas as mudanças locais e externas à vila, relacionadas à intensificação de processos citadinos, ao turismo e ao comércio. Esse desgaste se apresenta em contraposição ao desejo de uma vida “mais calma” na aposentadoria: um espaço para plantar, ter mais tranquilidade em um ritmo menos agitado.

Na vila há 16 casas distribuídas em três patamares que sobem até o encontro com a Ladeira de Santa Teresa. A divisão dos patamares expressa diferentes grupos de relação com o passado do local. No primeiro patamar, todas as casas são alugadas por uma única pessoa; nele, há maior rotatividade de moradores e menor interação com os patamares superiores. No segundo patamar, onde também está localizada a casa em que moro, observa-se uma transição, com moradores mais antigos ainda na condição de inquilinos. Já no terceiro patamar, todos os moradores são membros da mesma família, pertencentes à geração mais antiga da vila.

Inicialmente, a vila era constituída por uma comunidade étnica italiana, composta por um grupo familiar do qual meu interlocutor, Francesco, faz parte. Sua chegada ao Brasil se deu por meio do comércio de jornais e periódicos, atividade na qual sua família também se inseriu. Tal prática, contudo, não era uma particularidade desse grupo específico. Conforme Chinelli (1977), os italianos estiveram fortemente presentes no momento em que a venda de jornais e periódicos passou por um novo modelo, deslocando-se das livrarias e redações, sendo sua comercialização amplamente

² Os nomes reais de todos os interlocutores que contribuíram na construção desta análise foram preservados com a finalidade de proteger a identidade deles de modo a ser utilizado pseudônimos.

monopolizada por esse grupo. Eventos mais gerais encontram-se particularmente relacionados a microrelações, como a desenvolvida entre Francesco e sua família e, sobretudo, ao rompimento dessa relação, decorrente de um golpe aplicado por seu tio, que tomou para si uma de suas bancas, levando Francesco a alterar completamente sua trajetória profissional.

A dinâmica local era composta pela relação desse grupo familiar, que, com o tempo, se desintegrou. Os corredores da vila configuravam-se como espaços de convivência e lazer: as crianças brincavam livremente enquanto as mães conversavam. Conforme relatado por meus interlocutores, a sensação de segurança era maior e, para além disso, a administração e a gerência do espaço eram acionadas coletivamente. Os interesses comuns eram debatidos nos corredores, desde a necessidade de manutenção até o trancamento do portão que, anteriormente aberto, era ultrapassado por pessoas da rua que subiam as escadas e permaneciam no local para atividades alheias à vida dos moradores. Para além dos italianos, a vila também era composta por imigrantes portugueses e espanhóis, em menor número.

Com o crescimento das crianças, principalmente dos filhos desses imigrantes italianos, somado ao envelhecimento da primeira geração e aos conflitos desencadeados no passado, a vila foi adquirindo novos significados. Compreendida como um espaço socialmente produzido (LEFEBVRE, 2000), não apenas por suas estruturas rígidas e materiais, mas também pelas paixões e sentidos a ela atribuídos, a vila proporcionava, no passado, uma sensação de pertencimento que hoje não se sustenta. Assim, muitos moradores se mudaram, como Marta e Francesco. Outro fator relevante diz respeito ao envelhecimento: a subida e descida das escadas até as casas tornou-se progressivamente mais difícil. Soma-se a isso o desejo de construir, em um novo espaço, laços que na cidade se encontravam saturados ou cuja possibilidade não era vislumbrada.

2. Compartilhando espaços, desafetos e sendo afetado

A imagem negativa e saturada da Lapa, conforme representada por Marta e Francesco, encontrava um lugar comum na ideia de uma Lapa desordenada e caótica. Como afirma Simmel, “se todas as interações entre os homens são uma sociação, o conflito, afinal uma das interações mais vivas, deve certamente ser considerado como

sociação” (SIMMEL, 1983, p. 122). O conflito familiar se dava no limite entre a esfera pública e privada: atravessava casas, mas não o suficiente para envolver toda a vizinhança. Já a rua, quase na figura de uma unidade somática de todas as suas camadas e diversidade, constituía outro problema. Para Marta e Francesco, manter a rua afastada era um desafio. As paredes de som colocadas nos fins de semana atrapalhavam o sono; o fundo do Hotel Marajó, voltado para a janela da sala, era motivo de constantes discussões com o antigo dono do estabelecimento, na tentativa de preservar o espaço privado. O questionamento que emergia era se esse desgaste, esse conflito quase sem solução, se propagava entre os demais moradores. Contudo, ao considerar a diversidade das experiências do habitar, fui motivado a encontrar, nesse universo, uma perspectiva que desafiasse o senso comum por eles produzido, subvertendo a lógica do caos imanente ou de uma concordância pura e conclusiva de experiências que, na realidade, se encontram em constante convergência dialógica.

Simone mora na Lapa há 27 anos e, na vila, há cinco, junto de seu marido e de seus mais de 25 gatos. Conversava com Simone esporadicamente sobre assuntos gerais até começarmos a falar de temas locais, acontecimentos no bairro, atividades na rua e também formas de ajuda mútua.

A posição que ocupo em campo, simultaneamente como morador da vila e pesquisador, não se configura como um obstáculo à análise, mas como uma condição que possibilita o acesso a narrativas, conflitos e formas de sociabilidade que dificilmente emergiriam em situações de pesquisa mais distanciadas. Tal inserção implica ser afetado pelos mesmos estímulos, tensões e desgastes que atravessam a experiência cotidiana dos interlocutores, ao mesmo tempo em que exige um exercício contínuo de deslocamento analítico. Nesse sentido, a reflexividade não opera aqui como exposição da minha experiência pessoal, mas como recurso metodológico para compreender como diferentes posições produzem distintas leituras do mesmo espaço urbano, evidenciando a coexistência de experiências que se aproximam, mas nem sempre se cruzam (FAVRET-SAADA, 1990; BOURDIEU, 2007).

Convidei Simone para uma conversa mais formal, expliquei meus interesses em pesquisar a vila e a relação dos moradores com a rua, e ela aceitou realizar uma entrevista.

Simone gosta de morar na casa e, sobretudo, na vila, onde pode manter seus gatos, além da facilidade de estar no Centro do Rio de Janeiro. Mantém conflito com uma das moradoras em razão de fezes e urina de gatos, que Simone afirma não serem dos seus, mas que são utilizadas como narrativa acusatória. A hostilidade entre as duas cresceu a ponto de acusações mais graves, como a morte de um gato envenenado, resultando em um distanciamento correspondente entre ambas. A moradora em questão, é proprietária das casas do primeiro patamar, as quais são todas alugadas, e apesar de não morar em nenhuma delas, mantém sua presença diariamente. No dia-a-dia cuida das plantas e mantém contato com seus inquilinos, de forma a realizar certa supervisão do espaço. Seu papel entra em conflito com o modo de habitar de Simone quando envolve algum de seus gatos ou gatos de fora que usam os telhados da vila como passagem.

Diferentemente do casal entrevistado, Simone não vê a rua apenas como um local de passagem. Desde que comecei a morar na vila, frequentemente a via sentada na calçada de um imóvel ao lado do portão, às vezes acompanhada, mas na maioria das vezes sozinha, descansando antes de subir as escadas. Em algumas ocasiões, eu mesmo parava para conversar, perguntava sobre o movimento da rua ou oferecia ajuda para levar algo para cima. O frenesi da Rua Joaquim Silva, tão natural para Simone quanto demonizado por Francesco, não parece incomodá-la. O contraste entre essas experiências que orientam o habitar é complexo, refletindo diferentes camadas da subjetividade e de vivências coletivas.

3. A movimentada Rua Joaquim Silva

Figura 1: Mapa da Rua Joaquim Silva



Fonte: Projeto pessoal criado no Google Earth.

A Rua Joaquim Silva abriga diferentes tipos de comércio, que compartilham distintos turnos de funcionamento, sendo a maioria voltada à venda de bebidas alcoólicas e à gastronomia. Pela manhã, a atividade se concentra em torno da Escadaria Selarón, com barraquinhas de souvenirs e restaurantes dedicados a receber os turistas ao longo da escada.

Conforme dados da Secretaria Municipal de Turismo a Escadaria Selarón recebeu 666.180 visitantes entre janeiro e junho de 2025, esse movimento impulsiona o comércio da região, dado ao fluxo intenso de pessoas.

Ao longo da rua, encontram-se hotéis para solteiros, o recentemente fechado Hotel Marajó, casas voltadas à arte e à cultura, uma antiga carvoaria desativada, depósitos de bebidas e uma igreja evangélica. A intensidade das atividades se concentra, sobretudo, aos domingos, quando a rua é parcialmente fechada para a passagem de carros, permitindo que os bares ocupem grande parte do espaço com mesas e cadeiras constantemente cheias. Além disso, a rua também é atravessada por procissões, ensaios de grupos de maracatu, pequenos blocos de carnaval em determinadas épocas do ano, além de apresentações de artistas de rua.

Figura 1: A efervescente Rua Joaquim Silva.



Fonte: Arquivo pessoal, foto retirada no dia 26/10/2025

Ao final da Rua Joaquim Silva encontra-se o Santuário de Zé Pilintra, espaço público dedicado a uma figura icônica das tradições afro-brasileiras e do catimbó, associada à proteção, à malandragem e à luta contra injustiças. O local concentra muitos devotos em seu entorno, que realizam orações e deixam oferendas aos pés da imagem. Para além dessas atividades, práticas que não se vinculam diretamente ao comércio também se desenvolvem, misturando a intimidade da casa com a exposição da rua: não é incomum encontrar sofás, cadeiras de praia, mulheres fazendo as unhas, meninos cortando o cabelo ou, em dias de calor, uma piscina improvisada para as crianças. Telas transmitindo jogos de futebol, com cadeiras dispostas à frente, também são recorrentes. Essas práticas configuram um “pedaço” na rua, criando fronteiras simbólicas entre quem é de dentro e quem é de fora; aqueles que não dominam os códigos sociais tendem a atravessar o espaço rapidamente ou evitá-lo(MAGNANI, 1992).

Para alguém de passagem, a rua, marcada pelos movimentos constantes do comércio e do turismo, tende a perder seu caráter residencial, diluído no imaginário que associa a Lapa quase exclusivamente à boemia. O olhar de curiosidade ao abrir o portão da vila e adentrar o espaço é comum: geralmente há um movimento de olhar para dentro e para cima, como se aquele interior causasse estranhamento, mas a atenção logo é desviada por algo que acontece na rua. Apesar disso, a Rua Joaquim Silva abriga vilas, sobrados e cortiços, configurando formas de habitar que escapam à imagem dominante do bairro.

Foi também residência de artistas famosos, como a cantora e atriz brasileira Carmen Miranda e o maestro e compositor Jacob do Bandolim, o que reforça a presença histórica de uma Lapa vivida para além do circuito do entretenimento. No último Censo, realizado em 2022, foi indicado que a Lapa possui 8.984 moradores.

“Dentro do grupo de moradores, o senso indica que na Lapa há 6.647 domicílios particulares, sendo 1,80 a média de moradores. Os dados do censo também apontam a coexistência de diferentes tipos de habitação. Apesar do predomínio de apartamentos, há ainda casas, vilas e cortiços, evidenciando a sobreposição de um passado arquitetônico com o processo de verticalização. Coloca-se em questão a configuração de uma região residencial em meio a metrópole, inserida no contexto das dinâmicas urbanas e atravessada por diversos interesses que moldam seu formato e significações.” (SILVA, 2025, p. 13)

Simone trabalhou por anos como ambulante nas noites da Lapa e, por um período, no preparo de caipirinhas da Fátima, uma das mais conhecidas da região, localizada na Rua Joaquim Silva. É reconhecida e respeitada na rua, sobretudo por sua atuação em causas animais, sendo frequentemente acionada quando algum animal necessita de socorro.

Essas experiências possibilitam que Simone transite entre a casa e a rua de maneira mais flexível e positivada. A rua não se apresenta como um espaço de conflito direto, pois é um território que ela conhece e do qual participa ativamente, integrando-se à sua dinâmica cotidiana. Tal circulação rompe com a fronteira invisível entre o portão e a casa, ou entre o portão e a rua, fazendo da rua um prolongamento do espaço doméstico, um quintal onde se constroem sociabilidades, se trabalha e se permanece.

À luz de Goffman (1985), esse trânsito pode ser compreendido como resultado de uma performance social bem-sucedida, na qual o self é produzido e legitimado nas interações cotidianas. O reconhecimento público de Simone como trabalhadora, cuidadora e agente moralmente confiável permite que ela sustente diferentes papéis em contextos distintos sem ruptura de sua identidade social. Assim, o self se constrói na continuidade das relações, e não na oposição entre casa e rua.

Esse olhar evidencia as diferentes maneiras pelas quais os atores interagem com o mesmo ambiente, reinterpretando suas dinâmicas e construindo significados próprios (SILVA, 2025, p. 33).

Considerações finais

Compreendo que, para Marta e Francesco, a relação entre saída e chegada marca diferentes representações do mesmo espaço. A temporalidade não se apresenta, necessariamente, como o principal fator de diferenciação entre o passado e o presente local, mas como uma linha contínua e progressiva de intensificação de elementos já latentes, como o turismo e o aumento da violência. Entre seus principais catalisadores está a intervenção artística realizada pelo artista chileno radicado no Brasil, Jorge Sellarón, assim como mudanças internas na própria sociabilidade da vila.

Somado a isso, utilizo o termo política de degradação para descrever um projeto de governo que se vale da falta de assistência, do abandono e da não manutenção dos espaços, da ausência de políticas públicas locais e da coerção do comércio local como ferramentas de mobilização para a adoção de práticas ditas revitalizadoras, voltadas a interesses próprios em conflito com as necessidades e demandas locais. O Estado governa não apenas pelo que faz, mas também pelo que deixa de fazer. Nesse sentido, a Lapa se configura por meio de uma imagem estigmatizada decorrente do discurso da degradação, intimamente ligada a uma forma de governo urbano que, por meio do abandono estratégico, prepara o terreno material e simbólico para intervenções seletivas.

Tal dinâmica aproxima-se do que Loïc Wacquant denomina marginalidade avançada, na qual o abandono de determinados territórios urbanos não se configura como falha estatal, mas como estratégia de governo. A retração das políticas públicas, a ausência de manutenção dos espaços e a produção simbólica de uma imagem negativa do território operam conjuntamente, criando condições para a legitimação de intervenções frequentemente dissociadas dos interesses dos moradores locais (WACQUANT, 2008). Nesse sentido, a política de degradação observada em campo não apenas intensifica conflitos cotidianos, mas também redefine as possibilidades de habitar, produzindo respostas subjetivas distintas e múltiplas formas de relação com a rua. O conceito permite, assim, articular escalas macroestruturais e experiências locais sem diluir a agência dos sujeitos nem reduzir o espaço urbano a mero cenário de intervenção.

Como aponta Simmel, a vida urbana submete os indivíduos a uma sobrecarga de estímulos que incita paixões, tensões e estados de alerta, diante dos quais são desenvolvidos mecanismos de contenção e evitamento emocional. No caso da Rua Joaquim Silva, tais estratégias se expressam de maneira desigual, produzindo experiências contrastantes do habitar, que vão da incorporação afetiva do espaço à tentativa de neutralização de seus excessos. Esses encontros e desencontros de cosmovisões permitem observar um espaço que não se reduz a uma única e definitiva representação da realidade social, mas que se constitui como um emaranhado em constante transformação. Nesse sentido, o habitar emerge não apenas como experiência subjetiva, mas como relação entre múltiplas experiências, do micro ao macro, em permanente negociação pelo espaço.

Nessa perspectiva, não é possível constatar uma Lapa singular, mas a coexistência e a sobreposição de ideias, usos e significados que se inscrevem na prática, na vida cotidiana, no caminhar e nas discontinuidades. Como propõe Michel de Certeau (1998), são essas táticas ordinárias dos habitantes que reescrevem a cidade para além de seus planejamentos e discursos oficiais. Tal movimento não configura uma direção única acerca do habitar a Rua Joaquim Silva, mas reafirma sua pluralidade enquanto espaço vivido, disputado e continuamente produzido nas interações que a atravessam.

Referências Bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. Coisas ditas. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 114–118.
- CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CHINELLI, Filippina. Folha no chão: etnografia de uma sociedade de jornalheiros. 1977.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. Cadernos de Campo, São Paulo, n. 13, p. 155–161, 2005.
- GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis: Vozes, 1985.
- INGOLD, Tim. Estar vivo. Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- LEFEBVRE, Henri. A produção do espaço. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão : início - fev.2006
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Da periferia ao centro: pedaços & trajetos. Revista de Antropologia, p. 191-203, 1992.
- SECRETARIA MUNICIPAL DE TURISMO DO RIO DE JANEIRO. O levantamento do Observatório do Turismo mostra que, entre janeiro e junho de 2025, a Escadaria Sellarón recebeu 666.180 visitantes. Instagram, @smtur.rio, 13 ago. 2025. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/DNS2r7KOPY7/>>. Acesso em: 26 jan. 2026.

SILVA, Ramon de Abreu Guimarães. Uma vila na Rua Joaquim Silva: etnografia urbana da Lapa a partir de seus moradores. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2025.

SIMMEL, Georg. Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. A Aventura Sociológica, Rio de Janeiro, Zahar, 1978, p. 121/132.

WACQUANT, Loïc. Marginalidade no terceiro milênio. In: WACQUANT, Loïc. Os condenados da cidade: estudos sobre marginalidade avançada. Rio de Janeiro: Revan, 2001.